

MULHERES NAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS: GÊNERO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DESIGUALDADES¹

CORREIA, V. T.¹; TORRES, T. M.²; MACHADO, D. S.³; MOURA, L.L.L.⁴

¹ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) – Bagé – RS – Brasil –

teresatorres.bg031@academico.ifsul.edu.br

² Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) – Bagé – RS – Brasil –

diullimachado.bg026@academico.ifsul.edu.br

³ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) - Bagé - RS - Brasil -

veronicacorreia.bg031@academico.ifsul.edu.br

⁴ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) - Bagé - RS - Brasil -

lisandromoura@ifsul.edu.br

RESUMO

Nos últimos anos, observa-se um aumento da presença feminina em cursos de ensino superior, que anteriormente eram marcados pela predominância masculina, como é o caso das ciências agrárias. Este fenômeno mostra transformações sociais relacionadas à ampliação do acesso das mulheres à educação e às mudanças nas relações de gênero no mundo do trabalho. Diversos estudos indicam que o aumento da participação feminina em determinados campos profissionais não implica necessariamente a superação das desigualdades estruturais que historicamente caracterizam esses espaços. O presente trabalho tem como objetivo discutir os principais referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa intitulada “*Mulheres estudantes na Engenharia Agrônoma do IFSul Câmpus Bagé: levantamento social, percursos acadêmicos e perspectivas profissionais*”. Metodologicamente, trata-se de uma revisão bibliográfica baseada em produções acadêmicas que abordam gênero, trabalho rural e formação profissional nas ciências agrárias. Autoras e autores da Sociologia Rural e dos estudos de gênero apontam que o trabalho feminino na agricultura frequentemente foi invisibilizado ou desvalorizado ao longo da história. Neste contexto, o aumento da presença de mulheres na formação agrônoma constitui um processo relevante, mas que ainda convive com desafios relacionados ao reconhecimento profissional, às desigualdades estruturais e às barreiras simbólicas presentes no campo agrícola. A discussão teórica apresentada neste trabalho contribui para fundamentar a análise empírica da pesquisa em andamento e oferecer elementos interpretativos para compreender as trajetórias acadêmicas e profissionais de mulheres no campo das ciências agrárias.

Palavras-chave: gênero; ciências agrárias; sociologia rural; mulheres na agronomia.

1 INTRODUÇÃO

¹ Ferramenta de inteligência artificial foi utilizada em algumas partes do trabalho, para fins de revisão textual e linguística. A concepção, análise dos dados e interpretação dos resultados são de responsabilidade das autoras(es).

A presente investigação busca ampliar a compreensão sobre as relações entre gênero, educação profissional e trabalho rural, de modo a contribuir para o debate acadêmico na área da Sociologia Rural. Surgido no contexto da disciplina de Sociologia Rural do curso de Engenharia Agrônômica do IFSul Câmpus Bagé, o trabalho discute os principais referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa intitulada “*Mulheres estudantes na Engenharia Agrônômica do IFSul Câmpus Bagé: levantamento social, percursos acadêmicos e perspectivas profissionais*”, aprovada no EDITAL PROPESP N° 05/2025, com financiamento de PROBIC/FAPERGS. O estudo justifica-se pela relevância científica e social do tema, principalmente por estar alinhado às diretrizes institucionais de desenvolvimento sustentável (ODS) da ONU, voltadas à equidade de gênero e à inclusão no ensino público, técnico e superior. Espera-se que este trabalho possa oferecer subsídios para o aprimoramento de políticas para qualidade da educação e de valorização da diversidade, em especial, no contexto acadêmico do IFSul Câmpus Bagé.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa baseada em revisão bibliográfica. Foram analisadas produções acadêmicas que abordam temas relacionados a gênero, trabalho rural e formação profissional nas ciências agrárias. As produções selecionadas foram indicadas pelo professor coordenador da pesquisa, sendo que algumas delas foram discutidas nas aulas de Sociologia Rural do curso de Engenharia Agrônômica. Outras referências foram diretamente indicadas por professoras do IFSul da área de Ciências Agrárias. Os textos são disponibilizados em um Drive, com acesso às integrantes da pesquisa, a partir das quais são feitas as leituras e fichamentos bibliográficos. Após a leitura, as discussões dos textos indicados são realizadas quinzenalmente em reunião com a equipe de pesquisa, na Sala de Pesquisa e Extensão do IFSul Câmpus Bagé, às terça-feiras.

A seleção dos artigos acadêmicos considera autoras e autores relevantes no campo da Sociologia Rural e dos estudos de gênero, com o objetivo de identificar conceitos e interpretações que auxiliem na compreensão das desigualdades de gênero presentes no campo agrícola.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa abrange dois campos teóricos fundamentais: a sociologia do trabalho rural e a relação entre os estudos de gênero e a formação profissional nas Ciências Agrárias.

O primeiro eixo remete aos aportes clássicos e contemporâneos da Sociologia Rural, notadamente os trabalhos de José Graziano da Silva (2002) e Maria Nazareth Baudel Wanderley (2009), que analisam a organização social da produção no campo e as transformações nas relações de trabalho e formação.

O segundo campo mobiliza os estudos de gênero e ruralidades, sobretudo os que problematizam a inserção das mulheres no mundo rural, em especial dos espaços formativos e profissionais das ciências agrárias (Brumer, 2004; Gomes, Nogueira & Toneli, 2016; Szöllösi e Dias, 2017; Breitenbach, 2024; Souza e Brasileiro, 2023).

O uso do termo “gênero” justifica-se aqui por uma dupla perspectiva, de acordo com Scott (1995): a primeira, de que o estudo das mulheres exige a compreensão de sua relação com os homens, já que ambos são parte de um mesmo sistema social de hierarquias; a segunda, de que a situação da mulher não será vista como resultado de interpretações biológicas, mas de construções sociais e culturais, isto é, da “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75).

Autoras como Hirata e Kergoat (2007) discutem como a divisão sexual do trabalho atribui às mulheres funções menos valorizadas, o que afeta sua inserção profissional. A pesquisa indica que, mesmo com o aumento da escolaridade, as mulheres enfrentam discriminação no mercado de trabalho, especialmente em áreas tradicionalmente masculinas como a Engenharia Agrônoma. As pesquisas de Brumer (2004), Soster (2015) e Szöllösi & Dias (2017) permitem estabelecer conexões relevantes sobre as transformações nas trajetórias femininas no meio rural, especialmente no contexto da agricultura familiar e da formação em Agronomia.

Ao analisar a situação das mulheres na agricultura do Rio Grande do Sul, Brumer (2004) apresenta alguns fatores explicativos para a desigualdade persistente em relação ao tema: a migração rural-urbana precoce que atinge principalmente as mulheres, a priorização de homens em trabalhos especializados, as oportunidades de trabalho fora da agricultura e a exclusão das mulheres na herança da terra. De acordo com a autora, mulheres são vistas ainda hoje como responsáveis pelo trabalho doméstico, muitas vezes auxiliadas pelas filhas (BRUMER, 2004, p. 211), enquanto que os homens geralmente

investem no aprendizado das novas tecnologias, mantêm os contatos com técnicos rurais e administram os recursos oriundos da atividade agropecuária (*idem*, p. 213).

Além disso, estudos mais recentes confirmam a persistência de desigualdades de gênero nos espaços formativos das Ciências Agrárias e as formas como as mulheres mobilizam estratégias para se afirmar nesse contexto. É o caso, por exemplo, dos trabalhos Szöllösi e Dias (2017), Soster (2015) e Breitenbach (2024). Szöllösi e Dias (2017) comparam a trajetória de graduados em Agronomia nas décadas de 1990 e 2000, com foco no espaço profissional da mulher. Os resultados indicam, segundo as autoras, um aumento significativo da quantidade de mulheres formadas em Agronomia na segunda década (2001 a 2010), elevando-se de 23% para 37%. Contudo, apesar do avanço, a redução salarial foi mais acentuada para mulheres do que para homens. Soster (2015), por sua vez, avaliou a comunidade acadêmica do curso de Agronomia do IFRS Câmpus Sertão, em 2014, com o objetivo geral de relacionar os dados obtidos em levantamento de estudantes matriculados com as ruralidades regionais e brasileiras atuais. O estudo mostra uma tendência ao aumento da participação das mulheres na agricultura, com profissionalização crescente na área de Agronomia, o que, segundo a autora, contribui significativamente para a mudança social agrícola no país. Breitenbach (2024, p. 02), por outro lado, identificou “intenções e perspectivas das jovens mulheres estudantes dos cursos das ciências agrárias e áreas afins do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Câmpus Sertão” acerca da sucessão familiar. Embora constata aumento na participação das mulheres em cursos das ciências agrárias, as estudantes ainda encontram um ambiente familiar que dificulta o controle da propriedade, ou seja, um ambiente familiar pouco favorável para serem sucessoras e para permanecerem no campo.

4 CONCLUSÃO

Como vimos, diversos estudos indicam que o aumento da participação feminina no campus profissional agrônomo não implica necessariamente a superação das desigualdades estruturais que historicamente caracterizam esses espaços. O aumento da presença de mulheres na formação em Ciências Agrárias constitui um processo relevante, mas que ainda convive com desafios relacionados ao reconhecimento profissional, às desigualdades estruturais e às barreiras sociais presentes no campo agrícola. A discussão dos referenciais teóricos demonstra que a presença feminina nas ciências agrárias constitui

um fenômeno complexo. Neste sentido, os estudos de gênero e a sociologia rural oferecem ferramentas analíticas fundamentais para compreender as trajetórias acadêmicas e profissionais das mulheres no campo da Agronomia.

REFERÊNCIAS

BREITENBACH, R.. Jovens mulheres rurais estudantes das ciências agrárias: não querem ou não têm oportunidade de serem sucessoras? **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 62(1), ano 2024.

BRUMER, Anita. Gênero e Agricultura: a situação da Mulher na agricultura do Rio Grande Do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004, p. 205-227.

GOMES, R. de C. M., NOGUEIRA, C., & TONELI, M. J. F.. (2016). Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Psicologia & Sociedade**, 28(1), 115–124.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. 2ª ed. (Coleção Pesquisas, 1). Campinas: UNICAMP, 2002.

HIRATA, H., & KERGOAT, D.. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, 37(132), 595-609, ano 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SOSTER, Maria Tereza Bolzon. Panorama da inserção da jovem mulher na Agronomia e relação com as novas ruralidades: retrato do IFRS Campus Sertão. **Revista Científica Eletrônica de Agronomia**. Número 27, Julho de 2015, p. 77-84.

SOUZA, M. R. O., & BRASILEIRO, R. S. Trabalho feminino no meio rural: o convencional “perfume” do invisível. **Extensão Rural**, 30, ano 2023.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.